



## **CASA-ÔNIBUS E CASA-MICROMUNDOS: EXPERIÊNCIAS E EXISTÊNCIAS COMO HÓSPEDES E ANFITRIÃS EM UMA RESIDÊNCIA ARTÍSTICA VIRTUAL**

### ***BUS-HOME AND MICROWORLDS-HOME: EXPERIENCES AND EXISTENCES AS GUESTS AND HOSTS IN A VIRTUAL ARTIST RESIDENCY***

Ana Lúcia Canetti / UnB  
Ana Beatriz Marques Penna / UnB

#### **RESUMO**

O artigo trata da experiência vivida e dos processos de criação desenvolvidos pelas autoras em uma residência artística virtual, realizada no ano de 2022. A metodologia utilizada possibilitou que fossem vivenciados os dois lados de uma residência artística: a partir da perspectiva do hóspede e do anfitrião. Assim, ambas construíram estratégias de hospitalidade e experimentaram a sensação de habitar virtualmente, por uma semana, uma das residências: a Casa-ônibus e a Casa-micromundos. Cada uma destas moradas acolheu, afetou, causou estranhamentos e provocou proposições artísticas que apresentaremos e discutiremos neste artigo. O fato de ter sido uma ação à distância não impediu que fossem criados espaços de intimidade, trocas e de muitos aprendizados na construção de novas formas de produzir artisticamente, de pensar, sentir e de existir.

#### **PALAVRAS-CHAVE**

Residência artística virtual. Casa-ônibus. Casa-micromundos. Processos de criação.

#### **ABSTRACT**

*This article concerns the experience and creative processes developed by the authors in a virtual artist residency, held in 2022. The methodology used enabled to try out both sides of an artist residency: from the perspective of the guest and the host. Thus, we both have built hospitality strategies and experienced the sensation of virtually inhabiting one of the following residences for a week: the Bus-home (Casa-ônibus) and the Microworlds-home (Casa-micromundos). Each of these homes welcomed, affected, caused estrangement and provoked artistic propositions that we will present and discuss through this article. The fact that it was a long-distance action did not prevent spaces of intimacy and exchanges from being created, besides many learnings in the construction of new ways of artistically producing, thinking, feeling and existing.*

#### **KEYWORDS**

*Artist residency; Bus-home; Microworlds-home; Creative processes.*

Diante de um cenário pandêmico, de guerras, refúgios e processos acelerados de desagregação, nos lançamos em uma proposta de residência artística virtual sobre a

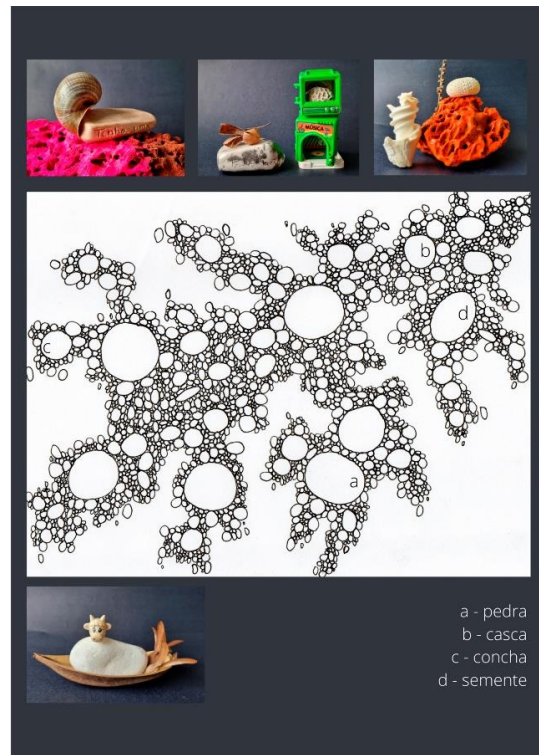


temática do habitar. Essa ação ocorreu a partir da disciplina Processos em Residência Artística, no Programa de Pós Graduação em Artes Visuais da Universidade de Brasília (UnB), sob a coordenação e regência do Prof. Dr. Christus Nóbrega. Sob a perspectiva de um corpo ciborgue, a disciplina propôs, em seu Plano de Curso, que se atualizasse a experiência de morar juntos pela de consistir juntos. Cada estudante vivenciou os dois lados de uma residência artística: como hóspede e como anfitrião; ora construindo estratégias de hospitalidade e ora experimentando a sensação de habitar virtualmente uma das residências. A partir desta proposição, pensamos coletivamente o significado de habitar este mundo atualmente, a hospitalidade versus hostilidade, onde estão nossas moradas, como acolher e ser um residente virtual, como ser um estrangeiro no mundo particular de nossas próprias casas.

Como já diria Flusser (2011, p. 64) “o cedro é estrangeiro no meu parque. Eu sou estrangeiro na França. O homem é estrangeiro no mundo”. Para o autor, como estranhos, tentamos dar sentido ao mundo que nos cerca, buscando dominá-lo, integrá-lo, mesmo que isso ocorra tragicamente. E, nesta tentativa trágica, várias contradições se colocam: a dialética natureza/cultura ou as leis da hospitalidade/hostilidade, do público/privado, do estrangeiro/não-estrangeiro, das fronteiras, das aberturas e fechamentos.

Derrida (2003, p. 63) relembra que “para constituir o espaço de uma casa habitável e um lar, é preciso também uma abertura, uma porta e janelas; é preciso dar passagem ao estrangeiro. Não existe casa ou interioridade sem porta e sem janelas.” O lar funda-se, portanto, nesta relação com o estrangeiro. Ainda para Derrida (2003), a própria lei da hospitalidade enseja em si uma contradição e a sua própria impossibilidade. Condições, normas, direitos e deveres são postas ao estrangeiro e uma hospitalidade absoluta existiria somente na transgressão a essas mesmas leis de hospitalidade.

Nessa residência artística, antes de darmos início aos processos mútuos de habitação e recepção, nos propusemos a arquitetar duas moradas, a Casa-ônibus e

[illegible]

O cotidiano particular se torna objeto de interesse de uma série de artistas contemporâneos, que a partir dos anos 1960, se debruçaram sobre ações tão banais quanto dormir, comer, caminhar, conversar, trabalhar, explorando uma rearticulação entre arte e vida, e questionando os limites entre o artístico e o não artístico. O trabalho de Sophie Calle (1953-), nesse sentido, além de questionar as obviedades cotidianas, nos chama atenção pela forma com que articula as contradições já

mencionadas entre público/privado, estrangeiro/não-estrangeiro, hospitalidade/hostilidade.

Em *Les Dormeurs* (1979), onde a artista convida estranhos para dormir em sua cama e os fotografa, as ideias de Flusser (2011) e Derrida (2003), que impulsionam a reflexão que tecemos nesse texto, parecem ser levadas ao limite. A cama, como lugar de maior intimidade de uma casa, é oferecida sem qualquer ressalva ao corpo estrangeiro, que passa a ocupá-la do modo que considera mais adequado durante o período de oito horas, enquanto é fotografado e observado pela artista. Esse gesto, que flerta com uma abertura inusitada à hospitalidade, já que a artista cede sua própria cama ao estranho, ao mesmo tempo coloca seu hóspede em uma situação de inerente hostilidade, pois além de constranger sua intimidade ao tornar públicos os registros desse corpo desacordado, coloca-o em um lugar que desafia os acordos e noções anteriores do que configura o espaço de intimidade socialmente estabelecido.



Imagem 2. Fotografias de Sophie Calle para a série *Les Dormeurs*, 1979. Fonte: Blog Nítida Fotografia e Feminismo. Disponível em: <https://nitidafotografia.wordpress.com/2016/03/09/sophie-calle/>. Acesso em 18 jun. 2022.

Isto posto, para além das articulações com relação ao que é público e privado, o que nos interessa é o método de Sophie Calle de visitação, encantamento e

estranhamento dos fluxos cotidianos e suas amenidades, o que dialoga essencialmente com as proposições experienciadas em ambas as casas.

Mesmo sem dizer abertamente sobre o que se tratava, o texto-convite da primeira casa indicava o lugar em que habitaríamos:

das coisas que gosto em casa, a primeira delas é a janela, danada pra colocar a gente pra pensar. Daqui, a gente olha pra fora pra olhar pra dentro. (...) minha casa é sempre a mesma, mas corriqueiramente mudam as pessoas e as paisagens que se pode ver. Ela é feita de ciclos. De passagem. De trânsitos. De subidas e descidas. De conversas em potencial. De olhares. De devaneios. De cansaço (trechos da carta convite, Ana Penna).

Diante do mapa e do texto-convite, ainda não estava totalmente explícito que se tratava de uma Casa-ônibus. Estavam abertos ainda os significados deste lugar que a anfitriã convidou a hóspede a embarcar. Mesmo porque, o que é que faz de um lugar corriqueiro uma casa? Qual a diferença entre embarcar num ônibus comum e embarcar nessa Casa-ônibus? É possível chamar de casa um espaço público partilhado?

Nosso primeiro encontro aconteceu em pontos de ônibus, cada qual em sua cidade. Durante os trajetos (linhas percorridas), nos comunicamos por telefonemas, fotografias, aplicativos de geolocalização e áudios, por meio dos quais fomos nos conhecendo (hóspede e anfitriã) e tateando aquela casa em movimento. A hospedagem deixou marcas, abriu caminhos e promoveu construções de novos itinerários imaginativos e sensíveis.

No primeiro dia, já dentro do ônibus, foi criado um comando: quando a hóspede dizia a palavra “pare”, a anfitriã fotografava o que lhe era pedido e depois compartilhava estas imagens em um mural virtual. A casa seguia um itinerário sentido bairro e a residente o imaginava enquanto estava ao telefone com a anfitriã. Foram compartilhadas experiências vividas anteriormente em ônibus, tanto traumáticas (abusos) quanto felizes (beijos consentidos). Pensamos juntas sobre as múltiplas violências que nós mulheres passamos nestas moradas e sobre a possibilidade que

a residência nos abriu de poder dividir estas histórias uma com a outra naquele trajeto.

Talvez a casa não existisse antes dessa troca de confidências e intimidades entre hóspede e anfitriã. Segundo Bachelard (1978), a casa é onde estão alojadas nossas lembranças e esquecimentos, e que, por evocação, delineiam o valor de abrigo de um espaço. É isso, mais do que uma descrição minuciosa de seus cômodos, que tem o poder de revelar ao hóspede o valor de intimidade de uma casa, onde diante de um cômodo (e suas marcas, particularidades) ele não vê mais apenas o outro que reside, mas vê também a si mesmo (p. 205).

Em outro itinerário rumo ao centro da cidade, no período da noite, a hóspede acompanhou a anfitriã, via aplicativo de geolocalização, em tempo real. Esta ação lembrou o fato de que muitas mulheres costumam compartilhar suas localizações para se sentirem mais seguras nos trajetos pela cidade. Foi como se a hóspede estivesse cuidando da anfitriã em sua casa-movimento. Em outro encontro, inverteram-se os papéis e a residente foi acompanhada pela anfitriã. Neste último, foram coletadas texturas dos pisos, poltronas, paredes, bancos do ponto.



Imagem 3. Montagem com fotografias e texturas da Casa-ônibus, 2022. Foto: Ana Canetti.

Tivemos dias de contato com paisagens táteis (através das frotagens), visuais (através da fotografia) e sonoras (a partir das conversas por telefone e áudios gravados dos sons dos trajetos) nesta casa. Sentimos os movimentos, sons e texturas presentes. E, em nossas longas conversas por telefone durante as esperas nos pontos e linhas percorridas, embarcamos em itinerários da memória, revivendo e compartilhando histórias marcantes do passado.

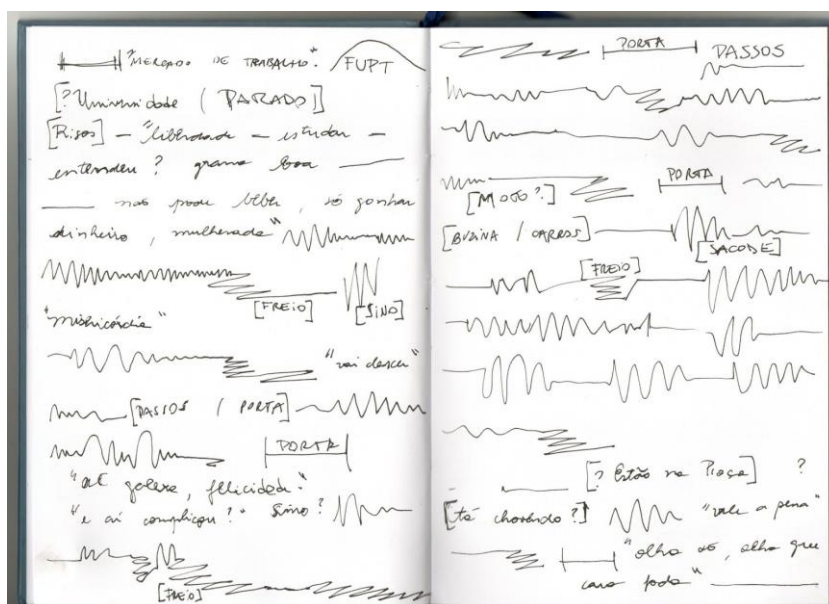


Imagem 4. Diário de sons da Casa-ônibus, 2022. Foto: Ana Canetti.

Através de uma gravação feita em áudio de um dos trajetos e do olhar atento aos detalhes, percebemos que algo surpreendente havia ocorrido: mesmo entrando em turnos e itinerários diferentes na cidade, descobrimos que havíamos embarcado, coincidentemente, no mesmo ônibus que havíamos andado em nosso primeiro encontro da residência. O mesmo barulho estridente do freio, detalhes das marcas de chiclete no piso e pichações presentes nos bancos e vidros, fizeram com que constatássemos que tínhamos embarcado na mesma casa, na mesma estrutura experimentada em outra viagem realizada. Algo realmente não planejado e inesperado. Como no poema Milagre das Folhas de Clarice Lispector (2007, p.187):

Milagre, não. Mas as coincidências. Vivo de coincidências, vivo de linhas que incidem uma na outra e se cruzam e no cruzamento formam um leve e instantâneo ponto, tão leve e instantâneo que



mais é feito de pudor e segredo: mal eu falasse nele, já estaria falando em nada.

Mas tenho um milagre, sim. O milagre das folhas. Estou andando pela rua e do vento me cai uma folha exatamente nos cabelos. A incidência da linha de milhares de folhas transformadas em uma única, e de milhões de pessoas a incidência de reduzi-las a mim. Isso me acontece tantas vezes que passei a me considerar modestamente a escolhida das folhas.

A nossa coincidência daquele dia foi um ponto de encontro mágico entre nós. Mesmo não nos conhecendo pessoalmente e nos encontrando à distância, as várias linhas de ônibus se cruzaram em nossa experiência e o evento desta coincidência promoveu um ponto de encontro, diálogo e afeto. O que se revelou, enfim, é que a qualidade de casa, daquela casa, não estava na linha, no itinerário ou no horário de embarque, mas em suas pequenas marcas, essas que a princípio parecem apenas sujeira ou rastro de algum acontecimento. Assim, nesse contexto, foram elas que conferiram ao ônibus que embarcamos a constância e reconhecimento que precisávamos para que a sensação de familiaridade se instalasse de vez.

A essa altura, se torna oportuno lembrar de mais um trabalho de Sophie Calle, *Suite Venitienne* (1979), onde a artista se propõe a seguir desconhecidos pelas ruas de Paris se apropriando de seus itinerários, que acabavam levando-a a redescobrir a cidade onde morava. De modo similar, a Casa-ônibus abre seus itinerários circulares e permanentes aos olhos e percepções de um outro que, à distância, acaba por modificá-los em inestimáveis níveis para aquele que os percorre, o que revela o poder de um estrangeiro (ou hóspede) de torná-los mais casa do que jamais foram.

Isso posto, resolvemos realizar uma proposição artística conjunta. Pesquisamos programas ou aplicativos que gerassem imagens a partir de palavras escritas. Encontramos um aplicativo de celular chamado *Dream* (2021), que gerava imagens a partir de palavras, podendo também usar uma imagem como fundo. Assim, partimos das fotografias de texturas (como as do piso da casa, ou das frotagens digitalizadas da casa como fundo/referência) e agregamos palavras-chaves sobre este itinerários vividos na residência. Palavras como movimentos, casa, ônibus, mulheres, violências ou acompanhar foram escolhidas para a composição no

aplicativo. Imagens inesperadas foram virtualmente criadas e exercitamos juntas a construção de um universo virtual, surreal e textural (a partir de texto e da textura). Após a seleção de alguns resultados, a ideia foi imprimir-las e depois colocá-las nos espaços de Casas-ônibus nas duas cidades (da anfitriã e da residente). Uma proposição artística de composição nestes espaços públicos urbanos (de pontos de ônibus e veículos de transporte coletivo), mas que para nós estava sendo tão íntimo e particular.

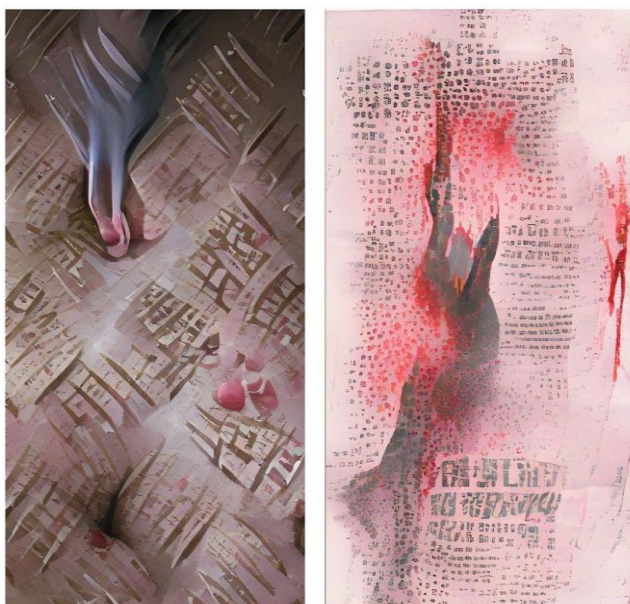


Imagem 5. Imagens construídas com palavras a partir do aplicativo *Dream*, 2022. Foto: Ana Penna e Ana Canetti.

Percorremos rotas longínquas, compartilhando histórias vividas em casas-ônibus permeadas por ambivalências e emoções. Experimentamos as sensações do presente: curvas, texturas, imagens, movimentos, cheiros e sons deste lugar. Além disso, forjamos ensaios na construção de imagens, partindo das palavras e texturas coletadas/compartilhadas durante os percursos e combinamos uma intervenção futura na casa. A Casa-ônibus nos sacudiu.

Na sequência à estadia nesta Casa-movimento e das ações que elas suscitaram, entramos em outro universo, agora invertendo os papéis de hóspede e anfitriã. A entrada na Casa-Micromundos inaugurou um outro tipo de presença e camadas

para esse vínculo recém-estabelecido entre nós, em um espaço que exigiu, ao contrário dos movimentos bruscos e sacolejos da morada anterior, que nos encolhêssemos nos redutos e cantos obscuros de nossas memórias, segredos, sonhos e obsessões. Segundo Bachelard (1978) “encolher pertence à fenomenologia do verbo habitar. Só mora com intensidade aquele que já soube encolher-se” (p. 197). Assim, intensamente, adentramos esta nova residência.

Em seu texto-convite, a anfitriã propõe:

Se tivesse acontecendo um incêndio na casa, o que salvaria? Às pressas, o que deixaria, o que levaria, o que lembraria? A casa que convido a habitar nesta residência é a que foi salva depois de um incêndio. Miniuniversos que escaparam ao fogo. (trechos da carta convite, Ana Canetti).

A anfitriã enviou uma caixa, por correio, contendo cinco objetos que foram descritos como “as jóias da casa”, tendo sidas resgatadas às pressas, escapando ao fogo. A residente foi convidada a habitar e ser guardiã, por uma semana, destes microuniversos enviados a ela. A ideia foi que cada um destes objetos servissem como chaves para acessar um desses pequenos mundos que compõem a Casa, abrindo memórias e projetos futuros. Mas seriam esses microcosmos de intimidade suficientes para sustentar uma ideia de casa? Que tipo de geografia esses vestígios de memória tem o potencial de criar?

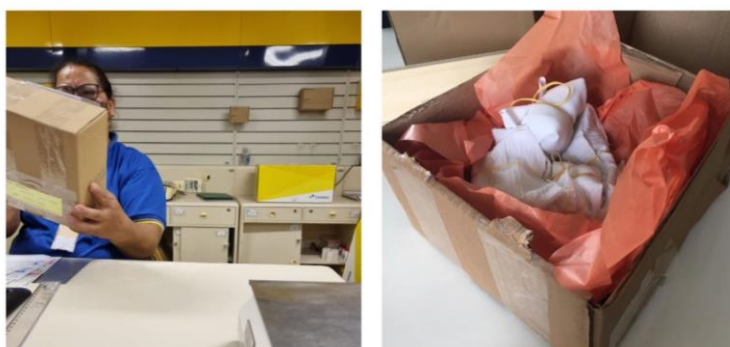


Imagem 6. Envio e recebimento da caixa da Casa-Micromundos, 2022. Foto: Ana Canetti.

O primeiro movimento da residente, ao abrir a caixa, foi explorar e reconhecer as propriedades e particularidades de cada chave, ação que culminou num processo de

nomeação destas, a saber: *Coral Seco*, *Concha Mágica*, *Casa-relógio*, *Barquinho Ouriço* e *Pedra gelada*. A partir dessa ação, parece operar sobre estes micro-objetos uma espécie de expansão de seu espaço íntimo e poético, acionando em ambas, anfitriã e hóspede, valores de intimidade próprios.



Imagem 7. Colagem fotográfica com fotos das chaves da Casa-Micromundo. Foto: Ana Penna.

Um trabalho de Sophie Calle que também parte de pequenos objetos e pertences dos outros para acessar as histórias que guardam é *L'hotel* (1981), no qual a artista, contratada como camareira de um hotel em Veneza, bisbilhota e esmiuça as bagagens dos hóspedes, fotografando os microvestígios e pequenos mundos que se abrem a partir deles. Ali, ela cria ficções sobre suas vidas particulares e convida o espectador a fazer o mesmo, assim como a anfitriã, ao oferecer seus miniuniversos à hóspede.



Imagem 8. Fotografias de Sophie Calle para a série *L'hotel*, 1981. Fonte: Blog Charlotte Abraham. Disponível em: <https://charlotteabrahamart.files.wordpress.com/2018/01/sophie-calle-the-hotel-room-47-1981.jpg>. Acesso em 18 jun. 2022.

A cada dia, durante a residência, foi proposta uma visita a um dos cômodos (ou micromundos) mediada por uma chave específica e por um exercício de escrita de poemas-correspondência. Essa dinâmica foi inspirada em um poema de Ana Martins Marques a Eduardo Jorge, presente no livro *Como se fosse a casa: uma correspondência*, onde é redefinida, a cada verso, a ideia do que é casa: “minha casa é minha coleção / de cacos / meu hábito de perder / as chaves / a pequena canção / de antes de eu nascer / o modo como cresci / e aquela canção não cresceu” (2017, p.42-43)

Ao tentar traduzir em palavra poética aquilo que era experimentado, a casa ia movimentando em nós uma multiplicidade de histórias, afetos e imagens que chegamos a duvidar ser possível em uma residência virtual. “Pelos poemas, talvez mais do que pelas lembranças, tocamos o fundo poético da casa.” (BACHELARD, 1978, p. 201). O acolhimento e a disponibilidade sincera à escuta e à fala nas longas conversas por telefone, videochamadas, áudios, mensagens, desenhos e poemas-correspondência, materializaram o deslocamento improvável, possibilitando modos de habitar completamente inusitados.

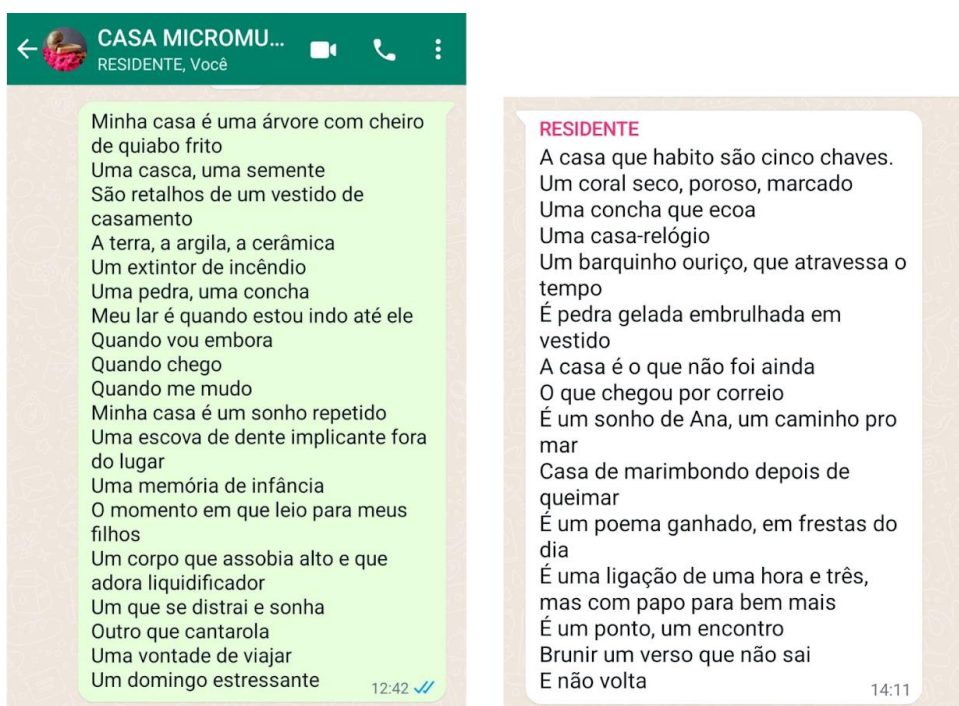


Imagem 9. Montagem com dois poemas-correspondências trocados durante a residência artística.  
Fonte: Ana Canetti.

Nessa perspectiva, esse modo de habitar o cotidiano do outro via poesia parece ter promovido, na Casa-micromundos, o tipo de abertura a que Derrida (2003) se refere, necessária à hospitalidade ou, em outras palavras, como coloca Guilherme Gontijo (2019, p. 14-15), necessária à alterocupação, uma vez que o poema, ao ser lido, permitiria “mais facilmente a reenunciação do ‘eu’ alheio agora incorporado, fazendo esse outrar [fazer-se outro] ser mais violento e, de certa forma, imprevisível”. Além disso, no que se refere ao exercício prático de criação literária experimentado por hóspede e anfitriã, a poesia revela sua qualidade essencial de promover “um novo esforço de atenção” e descobrir “um novo mundo dentro do mundo conhecido”, efetivando, com isso, uma reorganização aberta do espaço-tempo mundano (FLORES, 2019, p. 17).

Com a chave *Coral Seco* em mãos, abrimos o primeiro cômodo, o (in)cômodo, que como uma espécie de pesadelo, revelou um quarto onde tudo apodrece e clama por cuidado. Localizado nesse ambiente onírico da casa da anfitriã, a experiência de visitar o quarto carrega em si a sensação de culpa, peso, cansaço, vivenciada por meio do ato conjunto de assistir ao filme *Mãe!*, de Darren Aronofsky (2017), após um dia exaustivo para ambas. Nesse processo, ao dormir e acordar repetidamente diante das cenas devido ao cansaço, a narrativa do filme foi sendo completada e distorcida simultaneamente em sonho, proporcionando ainda mais desconforto e estranheza ante o que era visto.

O segundo cômodo visitado foi aberto pela *Concha Mágica*, e corresponde a uma pedra a quem se confia todo tipo de história e segredo, desde a adolescência da anfitriã. Cada uma contou uma memória distante e particular, uma sobre girar até ficar tonta para acessar o avesso da casa, e outra sobre uma curiosa cicatriz-evidência de um sonho envolvendo cavalos e perseguição.

*Casa-relógio* foi a terceira chave explorada, que viabilizou uma chamada de vídeo com os filhos da anfitriã sobre miniaturas, cartas mágicas e coleções. O livro que seria lido durante a chamada desapareceu de forma suspeita, portanto após a

ligação, a história do urso que vivia dentro das paredes foi contada por meio de um vídeo.

A partir da chave *Barquinho Ouriço*, trocamos riscos e rabiscos surgidos em devaneios despretensiosos pelos cantos de caderno, como obsessões ou marcas repetitivas e reveladoras, de onde derivou o mapa da Casa-Micromundos. A textura desse mapa, que em muito se aproxima ao resultado do gesto da residente de borrifar álcool sobre recibos de ponto eletrônico, revela-se de grande interesse plástico para a construção de um trabalho posterior.

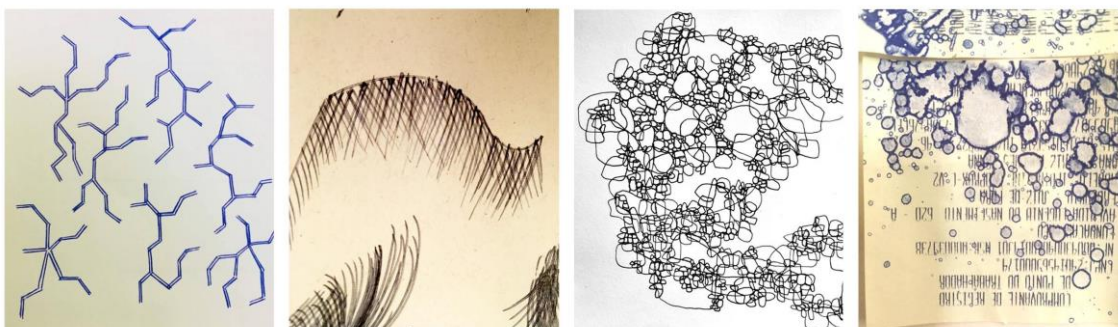


Imagem 10. Colagem fotográfica com trocas de riscos. Foto: Ana Canetti e Ana Penna.

E por fim, com a chave *Pedra gelada*, portais do passado utilizados como escape da realidade durante a infância foram abertos, integrando as memórias contadas ao momento presente. Nos micromundos que forjamos, e acessamos ao longo da semana, nos refugiamos.

Nosso objetivo está claro agora: é necessário mostrar que a casa é um dos maiores poderes de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem. Nessa integração, o princípio que faz a ligação é o devaneio. O passado, o presente e o futuro dão à casa dinamismos diferentes, dinamismos que frequentemente intervêm, às vezes se opondo, às vezes estimulando-se um ao outro. (BACHELARD, 1978, p. 201)

Em tempos de guerras e incêndios constantes, o devaneio é promotor de processos de criação e refúgio aos sonhadores. Vivenciamos esta residência encontrando nos devaneios, nas frestas dos dias, mesmo à distância, novas possibilidades de conviver e de existir em tempos tão amargos e com tantos afastamentos entre nós.

A pergunta de Caetano Veloso em Cajuína (1979) “existirmos a que será que se destina?”, nos indaga sobre nossas ações, nossas existências em comum.

Do que tem sido dito, entendemos a residência artística como método importante de pesquisa em artes visuais, engendrando novas formas de pensar, sentir e viver. Há um deslocamento, mesmo que virtualmente, do artista para um outro contexto cultural com o objetivo de desenvolver um processo de criação artística associado à troca de experiências, linguagens, conhecimentos e realidades, buscando potencializar espaços de experimentação estética. Há a construção de uma condição de espaço-tempo específica, destinada à criação e produção em rede, em um ambiente heterogêneo de criação, difusão e formação. Para Moraes (2009), as residências artísticas são lugares de trocas e reconhecimento, nos quais os artistas/criadores, com seus trabalhos/intervenções, recuperam a complexidade e a diversidade, o significado e o valor das relações entre arte e vida. Em seus processos de criação em deslocamento, conceitos como participação, troca e vida coletiva são aprofundados, e formas contemporâneas de produção são potencializadas.

Todo o processo artístico experimentado, nos sacolejos do “busão” ou nas miniaturas daquela casa em chamas, nos fez refletir sobre possibilidades de se reaprender a viver e conviver. A residência foi um exercício poético de acolhimento, de ressignificação do que pode ser casa e de avaliação das capacidades do mundo virtual em mediar encontros de microcosmos de intimidade, de modo que possamos considerar que de fato existimos através deles. As casas dessa residência artística (Casa-ônibus e Casa-micromundos) não existiam anteriormente, mas foram se tornando à medida que as preenchíamos com vivências que atribuíram a elas o valor de casa. A diferença entre essa residência e uma outra qualquer, é que as vivemos como se fossem casa. Dentro dessa perspectiva, os elos criados tornaram-se reais e firmes. Houve de fato presença. Pois à medida em que fomos compartilhando esses fragmentos, uma geografia, tanto geofísica quanto dos afetos, se formou. Se não precisamos, nessa residência, de quatro paredes para criar duas casas, é possível afirmar que há espaço para afetividade nesse mundo invisível e virtual, pelo menos

por um instante. É isso que a arte cria. Laços inesperados, geografias improváveis e sentimentos tão reais que podemos dizer que existem.

Parafraseando Sophie Calle (apud FONSECA, 2019), a vida é tediosa em suas repetições, como ir ao mercado, ir ao banco. Diante disso, o que nos resta é tentar vivê-la da maneira mais poética possível.

## Referências

BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. *In: Coleção Os pensadores*. Tradução de Antônio da Costa Leal e Lúcia do Valle Santos Leal. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

DERRIDA, Jacques & DUFOURMANTELLE, Anne. **Da hospitalidade**: Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade. São Paulo: Editora Escuta, 2003.

FLORES, Guilherme Gontijo. A revolta do poema. *In: Caderno de Leituras*, v. 90, p. 2-19, jun. 2019. Disponível em: <https://chaodafeira.com/wp-content/uploads/2019/08/cad90-arevolta.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2022.

FLUSSER, Vilém. **Natural:mente**: vários acessos aos significados de natureza. São Paulo: Annablume. 2011.

FONSECA, Pedro de Souza. **Escritos mínimos**: flunar, observar, clicar, capturar instantes. Orientadora: Profa. Dra. Rosane Preciosa Sequeira. 2019. 129 f. Dissertação (Mestrado) – Arte, Cultura e Linguagens, Instituto de Artes e Design, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/11424/1/pedrodesouzafonseca.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2022.

LISPECTOR, Clarice. O milagre das folhas. *In: SANTOS, Joaquim Ferreira dos. (Org). As cem melhores crônicas brasileiras*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007. p. 186-187.

MARQUES, Ana Martins; JORGE, Eduardo. **Como se fosse a casa** (uma correspondência). Belo Horizonte: Relicário Edições, 2017.

MORAES, Marco José Santos. **Residência artística**: ambientes de formação, criação e difusão. Orientadora: Prof. Dr. Carlos Roberto Zibel Costa, 2009. 151 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, São Paulo, 2009. Disponível em: [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16136/tde-29042010-093532/publico/Marcos\\_Jose\\_tese.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16136/tde-29042010-093532/publico/Marcos_Jose_tese.pdf) Acesso em: 20 jul. 2022.

**MOTHER!** Roteiro e direção: Darren Aronofsky. Produção: Darren Aronofsky, Scott Franklin e Ari Handel. EUA: Paramount Pictures e Protozoa Pictures, 2017. Disponível em: <https://www.netflix.com/title/80185763>. Acesso em: 19 jun. 2022.



VELOSO, C. Cajuína. *In*: **Cinema Transcendental**. Rio de Janeiro: PolyGram, 1979. 1 disco sonoro. Lado 2, faixa 3.

WOMBO Studios, Inc. **Dream**. Versão 1.80.1. Toronto: 2021. Aplicativo para dispositivos móveis. Disponível em: <https://www.wombo.art/>. Acesso em: 17 jun. 2022.